

# Uma dinastia, várias dinastias

Daniel Melo

CHAM, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Este texto parte duma análise do lugar dos legados familiares na construção da editora Romano Torres para iluminar as transformações que ocorreram nas instituições e ofícios ligados ao livro e, em conexão, para interrogar o lugar dos legados 'dinásticos' num quadro mais alargado. Ou seja, partimos da ideia de que o capital (a vários níveis) acumulado na família e em redes restritas não só viabilizou a consolidação das editoras como foi extensivo a outras instituições a si afins, o que implicou um reforço da especialização funcional bem como a opção pela manutenção de contactos de negócio herdados. A Romano Torres é assim vista à luz de transformações mais abrangentes que estão ocorrendo no universo do livro.

## Machado e Torres: as heranças familiares

Não é consensual a data de fundação da que ficou conhecida como editora Romano Torres. Contudo, ela tem raízes directas no labor de João Romano Torres (1855-1935), que debuta como tipógrafo junto do pai, Lucas Evangelista Torres (1822-95), e se autonomiza como tipógrafo-editor em 1877 (tal como seus irmãos Manuel Lucas Torres e Fernando Augusto Torres). Por seu turno, a sua mãe, Maria Romana Machado (18---1888), descendia de antigos livreiros açorianos com o apelido Machado, Francisco José Machado pai e filho<sup>1</sup>.

Ou seja, da família herda três dimensões que farão a identidade do editor-fundador e, desse modo, da própria editora: por um lado, um editor que se iniciou no mundo do livro enquanto tipógrafo e que depois será também livreiro. Por outro lado, inicialmente a editora é também tipografia, depois a tipografia mais requisitada será pertença de um familiar e mais tarde a editora também será livraria. O ciclo parece fechar-se mas há mudanças.

1 Datações e genealogia ap. <[http://old.geneall.net/P/per\\_page.php?id=272674](http://old.geneall.net/P/per_page.php?id=272674)> e <[http://old.geneall.net/P/per\\_page.php?id=276657](http://old.geneall.net/P/per_page.php?id=276657)>.

Com efeito, apesar dos legados e dos cruzamentos/sobreposições de saberes, funções e competências, há dois dados relevantes que avançamos e que se articulam: a autonomização da profissão de editor e a consolidação empresarial (e não só) das editoras. Por estas razões, parece-nos importante analisar com algum detalhe a evolução dos percursos dos elementos-chave desta família empresarial.

### **Lucas Evangelista Torres (1822-1895)**

Lucas Evangelista Torres é considerado um dos tipógrafos de referência do século XIX. Começou a sua carreira de tipógrafo em oficina de um familiar seu, o expediente que encontrou face ao esbulho da herança paterna, na sequência de morte prematura. À sua inclinação posterior para tipógrafo-editor contribuiu decerto a sua preparação literária e escolar, que o levava até à frequência adiantada do curso de medicina e lhe instilara o gosto pela leitura regular de livros. Para tal contribuiu também a sua ideologia. Com efeito, enquanto filho dum apoiante de D. Pedro I, Manuel de Jesus, construiu-se no ideário liberal e iluminista, que deixou espelhado no seu trabalho. Publicou textos de combate de António Rodrigues Sampaio, (para o *Espectro*) e do padre João Cândido de Carvalho (jornalista satírico do *Cortador*, do *Azorrague*, do *Democrata*, e redactor do *Rabecão*), os quais integravam um círculo político e literário que frequentava. E, sobretudo, editou colecções de livros que ecoavam uma perspectiva iluminista-liberal de enciclopedismo e vulgarização dos saberes, de que se destacam: a Educação Popular, colecção de 16 volumes sob a direcção de Pinheiro Chagas; a *Enciclopédia das famílias*, de 1886 e com mais de 100 volumes quando faleceu; a Biblioteca Universal, colecção de 40 volumes patrocinada pelo visconde de Castilho, na qual colaboraram diversos escritores conhecidos na época. Foi também autor: na referida *Enciclopédia das famílias*, mas também nos jornais Federação e Artista. Segundo biógrafos seus, criou “um repositório de literatura histórica e amena”. Lucas Evangelista Torres foi determinante para a carreira dos seus três filhos, tendo-os não só iniciado na arte tipográfica como nas tarefas de gestão e “num certo meio literário artístico” (“Torres, Lucas Evangelista”, 1915).

### **Os quatro filhos de Lucas Evangelista Torres**

Embora todos tenham sido iniciados no ofício tipográfico, seguiram carreiras relativamente distintas. Luiz Marcellino Torres associou-se ao pai para criar a tipografia Lucas & Filho, em 1872, sociedade que findou 3 anos depois por morte precoce daquele. Manuel Lucas Torres, Fernando Augusto Torres e João Romano Torres foram iniciados nessa tipografia (que manteve a mesma firma social até à morte do patriarca, em 1895, embora essa não fosse a única denominação aposta nos livros). Manuel prosseguiu com

a edição da *Enciclopédia das famílias*, sendo tipógrafo e editor<sup>2</sup>; Fernando será director da nova oficina tipográfica Imprensa Lucas, pelo menos em 1907 (“Lucas & Filho”, 1909).

Quanto a João Romano Torres, foi o que levou mais longe a vocação editorial do pai, mas após um longo tirocínio enquanto tipógrafo em quatro distintas tipografias: a de seu pai e irmão, que deixou por mútuo acordo; uma que criou em 1877 mas com pouco êxito; a do editor Henrique Zeferino de Albuquerque (1842-1925), que o contratou, anos depois, para ser o respectivo responsável<sup>3</sup>; e aquelas nas quais produziu as suas obras após aquisição a Ignacio Moreira do periódico semanal *O Recreio*, em 1886, e seu desdobramento em editora homónima. Doravante, e até se unir ao primogénito Carlos Bregante Torres na sociedade comercial João Romano Torres & C.<sup>a</sup>, recorrerá a diversas chancelas, alguns sendo provavelmente de tipografias (e/ou de editoras): Minerva Commercial, Typ. do Dicionario Universal Portuguez, Typographia do «Recreio» e João Romano Torres – Editor. Ou seja, a nova editora começou por ser uma tipografia, ou uma tipografia-editora, só tendo sido consagrada em pleno, já enquanto João Romano Torres – Editor, a partir do momento em que o seu mentor percebeu que o negócio tinha futuro, por volta de 1898, altura em que aposta em empreitadas de maior nomeada, em que se incluem os romances históricos de autores portugueses como Campos Júnior, Rocha Martins e Eduardo de Noronha e a enciclopédia *Portugal* (1904-1915). Após a criação da sociedade com o primogénito, em 1907, a tipografia (ou parte dela) terá sido cedida ao benjamim, Henrique Bregante Torres, pois este assegurou pela vida fora uma tipografia responsável por boa parte da produção da Romano Torres, permitindo assim criar “economia de escala”.

A ligação de João Romano Torres ao seu pai é visível na concepção ideológica do catálogo mas também na rede de colaboradores. Manuel Pinheiro Chagas, que trabalhara com Lucas, cruza-se com João em várias obras deste, pois já traduzira (e editara?), na Empreza Editora de Publicações Ilustradas e no Escritório da Empresa, várias obras que ele reeditará, casos de *Historia de Roma* (4 v., 1889-91; 2 v., s.d.) e de *História de França popular e illustrada* (7 v., [18--]; 4 v., 1906). Além disso, é ao seu sobrinho, João Pinheiro

- 2 Em 1910 editou-se as coplas de opereta de *A princeza dos dollars* na Imp. Lucas, mas em 1911 a mesma obra era já editada na Imp. de Manuel Lucas Torres, na tradução de Félix Bermudes e Ernesto Rodrigues (cf. *Catálogo de teatro: a coleção do livreiro Eduardo Antunes Martinho*). Esta tipografia e editora continuou até 1921, pelo menos (vd. *Sorrisos e quebrantes: prosas ligeiras*, de A. A. de Lima Duque). Enquanto editor, usou também (ou sobretudo?) a chancela “Manuel Lucas Torres – Editor” (vd. Porbase). Ainda em 1910, o *Almanach da República* foi “composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres” (R. Diário de Notícias, 93) mas sendo o editor a “Bibliotheca do Povo”, “Empreza vulgarizadora dos bons romances”, sedeada na R. de S. Bento, 279-B (ap. Folha de rosto). Em 1903, a Empreza Editora Lucas-Filhos (outra designação usada) procede à “liquidação” de parte das suas “edições”, segundo anúncio publicado na imprensa.
- 3 Remete provavelmente para a grande tipografia que fundou em 1881 para editar o monumental *Diccionario universal portuguez illustrado*, inspirado parcialmente no plano do *Dictionário Larousse* e que após muitas adversidades quedou-se em apenas 4 volumes, correspondentes às letras A, B e M (1882-4).

Chagas, que é creditada a tradução desta última obra para João Romano Torres, mas pode ter sido apenas uma revisão de tradução.

### João Romano Torres (1855-1935) e os seus herdeiros de ofício

Dois dos cinco descendentes de João Romano da Rocha Torres de Jesus – Carlos e Henrique – parecem repetir o percurso vocacional e profissional da geração anterior, até pela relativa separação de funções entre edição e tipografia, mas sem coartar o impulso cumulativo de tipógrafo-editor, pelo menos num período das respectivas carreiras<sup>4</sup>. Contudo, nesta nova geração, a relevância das firmas, tanto as editoras quanto a tipografia “Henrique Torres”, supera a dos percursos individualizados, quando o empreendedor era mais relevante que a empresa. Assim, Carlos Bregante Torres (1879-1973) contribui decisivamente para a consolidação da editora Romano Torres, primeiro como seu gerente e, desde 1907, como sócio fundador e gerente da João Romano Torres & C.<sup>a</sup>, enquanto Henrique Bregante Torres (1884–19--) dedicou-se à sua tipografia, bem como à editora Henrique Torres – Editor. Estas editoras têm uma orientação editorial e empresarial que as aproxima, não só na aposta em certas áreas (divulgação), géneros (romance) e subgéneros (policia), como em certos autores (p.e., Perez Escrich) e tradutores (p.e., Aurora Rodrigues). Familiares descendentes de ambos (v.g., Francisco Noronha e Andrade, para o primeiro; João Capela Torres, para o segundo) prosseguirão com a administração das respectivas empresas, reforçando a relevância das relações familiares e das instituições.

Entre os irmãos, houve ainda economia de escala na partilha dum mesmo espaço físico para a administração durante algum tempo, além de que a sede da Romano Torres manter-se-ia numa mesma zona relativamente central da capital portuguesa (Bairro Alto-Rato), apesar de algumas mudanças de edifício<sup>5</sup>.

As várias gerações Torres comungam uma mesma formação autodidacta, em conformidade com um certo perfil então corrente, em que os oficianes na arte da tipografia não tinham formação superior específica (ou em “Letras”), mas sim “formação” ofical, sendo o seu gosto, interesse e conhecimentos de cultura geral que os leva a abraçar outra arte, a arte da edição.

4 Até à data não se conseguiu reunir informação específica sobre os outros 3 filhos, Lucas de Bregante Torres, Maria Emília de Bregante Torres e Maria Romana de Bregante Torres. Também ignoramos se a única filha de Lucas Evangelista Torres, Maria Carlota Chaves (Machado Torres), esteve profissionalmente ligada ao mundo do livro.

5 Eis a sequência apurada: Rua do Diário de Notícias (ex- R. dos Calafates, 1885), ap. verbete “Recreio (Empresa Editora do)”, 1912: 134; Rua Nova de S. Mamede, n.º 26, 3.º (1889, ap. *Piquillo Alliaga*); Rua da Barroca, 109 (1892, ap. *Os mysterios de Paris*); Rua do Marechal Saldanha, 59-61 (1894, ap. *O trapeiro de Paris*); Rua D. Pedro V, 82-88 (1904); Rua Alexandre Herculano, ns. 112-120 (1906), 120-120-D (1907-1908) e 70 a 76 (1911-1973, propriedade do editor e contratualizado em 1922 ap. PT/AHJRT/JRT/A/05/002); Largo de S. Mamede, 3 e 3-A (1973-1985) e Rua Marcos Portugal, 20-A (1985-); cf. PT/AHJRT/JRT/A/03/001 e PT/AHJRT/JRT/A/03/002 (também PT/AHJRT/JRT/01/001).

## As redes de fornecedores: a Litografia Amorim e a Casa Graham

Um contacto central e duradouro foi o da Litografia Amorim, fornecedor da parte gráfica, e também esta trabalhando em família. Com efeito, Júlio de Amorim herda de seu pai a empresa, que administrará durante décadas, além de fazer parte do trabalho de ilustração, ao lado do pai e do irmão. Ademais, parte do pessoal que aí trabalha é recrutado através de redes em que os seus mestres da Escola António Arroio são os mediadores.

Com efeito, Júlio de Amorim dedicou-se desde jovem às artes gráficas, decerto por influência do seu pai, também ele um desenhador, e que fundara a Litografia Amorim. Foi nesta litografia que Júlio de Amorim fez carreira, dirigindo-a durante várias décadas em parceria com o seu irmão Lauro. A Litografia Amorim forneceu artes gráficas às editoras com as quais trabalhou, designadamente: concepção gráfica, ilustrações, gravuras, etc., acabamento e também a própria impressão.

Segundo testemunho de Eugénio Silva, que aí debutou em 1954, a Romano Torres tinha então como fornecedor gráfico exclusivo a Litografia Amorim, embora esta trabalhasse para outras editoras, como a Livraria Civilização.

Para além de gestor da empresa, Júlio de Amorim também trabalhou intensamente como capista, sendo suas várias capas marcantes das coleções “Manecas” e “Salgari”. Foi porventura o ilustrador de maior relevo na Romano Torres, seja pelo estilo que imprimiu, seja pela variedade de livros e coleções com ilustrações suas<sup>6</sup>.

Outra rede igualmente duradoura e que também consagra um contacto familiar é a Casa Graham. Esta era uma empresa satélite da William Graham & C.<sup>a</sup> (Glasgow, 1784), estabelecida pelo filho do seu fundador em Portugal no quadro das Guerras Napoleónicas, para colocação dos respectivos produtos. Mais tarde será a vez de um sobrinho do fundador criar uma filial no Porto. A Casa Graham, depois também conhecida por Firma Guilherme Graham Jr. & C.<sup>a</sup>, adquire, em 1899, uma fábrica de papel instalada na Quinta da Abelheira, nos arrabaldes de Loures (Tojal), junto ao Rio Trancão, a qual será designada por Fábrica de Papel da Abelheira a partir de 1964<sup>7</sup>. É com esta fábrica que a empresa familiar Casa Graham se tornará fornecedora de papel à editora Romano Torres, tendo sido um dos primeiros contactos profissionais de João Romano Torres, contacto esse que passa para o filho Carlos, e que se mantém válido até aos anos 1960, pelo menos (para mais vd. capítulo 2 deste livro).

6 Análise baseada na informação recolhida por Afonso Reis Cabral (vd. verbete próprio em <[http://fcs.h.unl.pt/chc/romanotorres/?page\\_id=13107#amorim-julio-de-1909-1988](http://fcs.h.unl.pt/chc/romanotorres/?page_id=13107#amorim-julio-de-1909-1988)>). Vd. ainda, neste livro, capítulo de Joanna Latka dedicado aos ilustradores.

7 Vd. “Fapajal”, 2012: 32-33, e “Quinta da Abelheira”, <<http://www.monumentos.pt/Site/APP/PagesUser/SIPA.aspx?id=24039>>.

## A dimensão empresarial

Quanto ao perfil empresarial da Romano Torres, acompanha uma boa parte do que era então este universo: direcção familiar, formação autodidacta, porte empresarial modesto, ausência de planeamento a longo prazo. Com efeito, estas eram características extensivas não só às outras áreas empresariais (Silva, 1999: 185/6) como a outros países, como o Brasil, mesmo ainda nos anos 1970 (Lobo, 1999: 345-7).

Quanto à direcção familiar e à formação autodidacta, já atrás referimos esses aspectos, bem salientes na Romano Torres. Resta dizer que eram traços extensivos a outras rivais, como a Civilização, a Parceria A. M. Pereira (vd. menção e bibliografia de suporte em Melo, 2014).

Quanto ao porte, a “pequena dimensão da empresa [editorial] portuguesa” não passou despercebida à associação representativa da classe, o Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, que ainda em 1972 a apontava como obstáculo significativo à “abordagem do mercado internacional”<sup>8</sup>. Essa mesma realidade persistiu até à actualidade, como fica implícito nos 84,7% de “pequenas editoras” (abaixo de 10 pessoas ao seu serviço) que predominavam em 2002 (Gomes *et al.*, 2005: 7).

Porém, importa ressaltar que se o pequeno porte poderá adequar-se a um contexto internacional (ou brasileiro, pelo menos), já não parece adequar-se tanto a uma Romano Torres no contexto português, onde parece ter tido um porte intermédio, pelo menos nos anos 1960/70, não deixando de ter uma dimensão modesta.

Com efeito, e seguindo a tipologia de Bourdieu (1999), a Romano Torres teve um total de assalariados relativamente modesto mas que a posiciona num lugar intermédio, pelo menos nos anos 1960/70 (precisamente a meio das 5 categorias pré-definidas: 1-3, 4-9, 10-40, 40-100, 100-400). A tipologia para Portugal vigente em 2002 (só são “pequenas editoras” as que têm abaixo de 10 pessoas ao seu serviço) mantê-la-ia nesse patamar (Gomes *et al.*, 2005: 7). Expomos seguidamente os dados apurados e tratados.

O empregado mais antigo da Romano Torres que foi possível identificar foi admitido em 1924, seguindo-se mais 4 nos anos 1930, 2 nos anos 1940, 2 nos anos 60 e 6 nos anos 1970, sendo que 8 destes 15 saíram apenas aquando da suspensão da actividade da empresa<sup>9</sup>.

O pessoal empregado é um dos indicadores que permite aferir a dimensão da empresa, porém, ressalve-se que este sector em Portugal sempre teve, por tradição, pouco pessoal assalariado a tempo integral, recorrendo com frequência à prestação de serviços por pessoas especializadas em certas áreas, como autoria do texto, tradução e ilustração. Se associarmos autores, tradutores e ilustradores ao quadro, então a Romano Torres vê

8 Leia-se, internacionalização da edição autóctene; cit. em Rendeiro, 2010 : 82, tb. 98.

9 Ap. livro mais antigo que se conserva relativo ao “Registo de cadastro do pessoal”, com termo de abertura de 1961, cf. PT/AHJRT/JRT/D/01/007.

reforçado o seu quadro de intervenientes no processo de produção e consolida o seu porte intermédio mais cedo e durante um maior período de tempo.

Assim, em 1963-72, estiveram ao serviço da Romano Torres 28 “empregados, autores e tradutores” (as únicas categorias discriminadas quanto ao “registo das remunerações pagas para efeito de descontos para o Imposto Profissional”). Destes, apenas 12 eram “empregados” da casa (3 deles os herdeiros; cf. PT/AHJRT/JRT/D/01/006)<sup>10</sup>.

Em 1973-76 a Romano Torres apenas cobriu descontos para Imposto Profissional a 19 pessoas<sup>11</sup>, sendo 6 delas colaboradores externos (para traduções e ilustração) e 3 membros da família<sup>12</sup>.

Outro indicador relevante para medir a dimensão empresarial, e continuando a seguir tipologia de Bourdieu (1999), é o volume de negócios.

Assim, quanto ao saldo de contas para 1962-74, a Romano Torres teve um lucro líquido médio anual de 219775\$79, com um pico máximo em 1963 (570890\$95). Os lucros seguintes vão num sentido descendente, situação “principalmente derivada da redução nas vendas efectuadas a dois dos seus mais importantes clientes”<sup>13</sup>, o que remete para a perda irremediável de posição de mercado no Brasil (extensivo ao livro português em geral, segundo os dirigentes da Romano Torres) e, a partir de 1967, para a redução crescente da relevância comercial do mercado colonial. O fim deste mercado em meados de 1974, com as independências das ex-colónias portuguesas, levará a um primeiro saldo devedor inédito na história da Romano Torres (-164703\$18) e ao ocaso da empresa.

10 Nomes dos empregados: Carlos Bregante Torres, Amélia Lucas Torres Farinha, ... Augusto Carlos Farinha (sócios, da família), António Joaquim Merêncio, Augusto Jorge da Silva Taveira Garcia, Ermelinda Ferreira Vide Ferraz, Joaquina Maria, Osório Marques Martins, Pelaio Gomes, Carlos Manuel Rosa, Henrique Simões e Maria Teresa Ferreira. Nomes dos autores e tradutores: Aurora Rodrigues, João Amaral Júnior, Mário José Domingues, Tomás d’Eça Leal, Júlio Amaro Marques Pereira, Maria Raquel Guterres, Luís de Oliveira Guimarães, Valeriano António Campos e Sousa, Arlete Oliveira Guimarães, Eugénio Rafael Pepe da Silva, José Manuel Soares, António Domingues, Alexandre dos Santos Majer, Antónia Leyguarda Ferreira, Daniel Silva e Fernando Pereira de Oliveira Fresco.

11 Eis a lista completa: Maria das Dores dos Reis Freire Simões, Pelaio Gomes, Acácio Paixão Martins, Amélia Lucas Torres Farinha, Augusto Carlos Farinha, Augusto Jorge da Silva Taveira Garcia, Carlos Manuel Rosa, Ermelinda Ferreira Vide Ferraz, Joaquina Maria, Osório Marques Martins, Henrique Pereira Ferraz, Mário José Domingues, Aurora Rodrigues, João Amaral Júnior, Maria Lúcia de Portugal Matos Restolho Guterres, Beatriz Lourenço Ferreira, Eugénio Silva, Francisco Farinha de Noronha e Andrade e Salvador Marques Garcia. O penúltimo foi admitido a X/1976, para 1.º escriturário, tendo bacharelato de Economia (PT/AHJRT/JRT/D/04/003 e PT/AHJRT/JRT/D/04/007).

12 PT/AHJRT/JRT/D/01/007; para mais vd. mapas de pessoal de 1946-86 em PT/AHJRT/JRT/D/04.

13 Livro de Actas de João Romano Torres & C.ª, acta 3, fl.3, 12/III/1965, PT/AHJRT/JRT/01/001.

Entre 1976 e 1982 retoma saldos positivos, mas com um valor médio bem inferior ao período transacto (52401\$46), e entrando seguidamente em saldos negativos consecutivos, que pesaram na decisão de suspensão da actividade da editora<sup>14</sup>.

## Bibliografia

- ANSELMO, Artur (1997), «O comércio livreiro de cadernetas e fascículos», *Leituras*, s.3, n.º 1, p. 97-104.
- «Alguns aspectos da vida de João Romano Torres» (1935), obituário do jornal *República*, 22/5.
- BOURDIEU, Pierre (1999), «Une révolution conservatrice dans l'édition», *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 126-127, p. 3-28.
- “Fapajal: uma história de mais de 250 anos” (2012), *Revista Pasta e Papel*, n.º 59, p. 32-36.
- GOMES, Rui Telmo, et al. (2005), *I - Um mercado de trabalho feminizado: oportunidades e constrangimentos*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- LOBO, Eulália L. (1997), “História empresarial”, in Ciro Flamarion Cardoso & Ronaldo Vainfas (orgs.), *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro, Campus, p. 317-49.
- “Lucas & Filho” (1909), *Portugal*, Lisboa, João Romano Torres & C.ª Editores, vol. IV, p. 563.
- MEDEIROS, Nuno (2013), «João Romano Torres e C.ia: hermenêutica social de uma editora», Escola de São Paulo de estudos avançados sobre a globalização da cultura no século XIX, <<http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2193/1/Jo%C3%A3o%20Romano%20Torres%20e%20Cia.pdf>>.
- MELO, Daniel (2014), “Romano Torres – a case study of a Portuguese publishing house”, *Logos-Forum of the World Book Community*, vol. 25, n.º 2 (Maio/Junho), p. 28-38, ISSN 0957-9656.
- MELO, Daniel (2013), «Romano Torres: uma casa centenária», *website Romano Torres*, <[http://fch.unl.pt/chc/romanotorres/?page\\_id=13039](http://fch.unl.pt/chc/romanotorres/?page_id=13039)>.
- MELO, Daniel (2013), «Para uma história da edição no Portugal contemporâneo: estudo de caso das Edições Romano Torres», in Maria Fernanda Rollo (coord.), *Atas I Congresso de História Contemporânea*, s. I., IHC/CEIS20/Rede História, Maio, p. 555-65, <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/10684/3/Actas%20I%20Congresso%20Hist%C3%B3ria%20Contempor%C3%A2nea%20.pdf>>.
- “Recreio (Empresa Editora do)” (1912), verbete in *Portugal*, Lisboa, João Romano Torres & C.ª Editores, vol. VI, p. 134-5.
- RENDEIRO, Margarida (2010 [2007]), *The literary institution in Portugal since the thirties. An analysis under special consideration of the publishing market*, Berna, Peter Lang.
- SILVA, Álvaro Ferreira da (1999), “História empresarial”, in António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário de história de Portugal [suplemento]*, Porto, Livraria Figueirinhas, vol. VIII, p. 184-7.
- “Torres (João Romano)” (1915), verbete in *Portugal*, Lisboa, João Romano Torres & C.ª Editores, vol. VII, p. 179, <<http://www.arqnet.pt/dicionario/torresjr.html>>.
- “Torres (Lucas Evangelista)” (1915), verbete in *Portugal*, Lisboa, João Romano Torres & C.ª Editores, vol. VII, p. 181-2, <<http://www.arqnet.pt/dicionario/torreslucas.html>>.

14 A partir de dados brutos e informação contida nos livros de actas, em PT/AHJRT/JRT/01/001 e PT/AHJRT/JRT/01/002.